

CURSO: O LIVRO DOS ESPÍRITOS

VISÃO GERAL

PARTE III – DAS LEIS MORAIS

A terceira parte de O Livro dos Espíritos, intitulado Das Leis Morais, é voltada ao esclarecimento acerca de questões éticas, norteadas pelo comportamento de forma a preencher mais uma etapa na formação espiritual do ser.

O livro, ou melhor, a Doutrina Espírita, no intuito de se apresentar como um conjunto de ensinamentos, visando fornecer condições para o aprimoramento de todos que se interessem pela questão, busca fornecer as informações necessárias, os mecanismos de ação e, o que é mais importante, os efeitos de um comportamento regido por padrões de ordem moral.

A espécie humana se destaca dos outros animais, não apenas pela capacidade de manter um raciocínio lógico continuamente, mas também pela propriedade de aplicar caracteres de ordem moral em seus atos.

Embora muitos tentem, ou pensem, que são desprovidos do senso moral, considerando que não necessitam de regras comportamentais, podendo, assim, agir indiscriminadamente, sem ponderar nas conseqüências, todo ser humano contém, no seu íntimo, sensores que, apesar de poderem ser negligenciados temporariamente, avisam quando ocorrem transgressões. Estes sensores são denominados de “consciência”.

Alegoricamente pode-se dizer que estes alarmes funcionam como os dispositivos contra roubo nos automóveis - sempre que alguém tenta arrombar a porta, a buzina dispara para afugentar o ladrão.

Nesta situação, duas coisas podem ocorrer: a) o ladrão se assusta, receoso das conseqüências se for pego, e parte do local às pressas, deixando o carro intocado; b) o ladrão, se considerando habilidoso, tem a certeza de ser capaz de abrir o veículo e partir antes que alguém se aproxime.

Ambas as situações são possíveis e, provavelmente, a segunda atitude deverá funcionar durante várias vezes, proporcionando, ao ladrão, uma sensação de segurança e de impunidade.

O sentimento de domínio de uma situação é sempre prazeroso, o indivíduo se considera o máximo, um super-herói que está acima do comum.

Por maior que seja o número de vezes que este indivíduo consiga sair ileso, chegará o dia em que as coisas não sairão tão bem quanto planejadas. Haverá uma situação em que ele não consiga escapar e, então, será tarde demais, será preciso arcar com as conseqüências de seus atos.

A sensação de segurança faz com que o indivíduo perca a verdadeira noção da realidade, não consegue mais se enxergar como realmente é, igual a todos. Os efeitos especiais são somente possíveis nos filmes de cinema.

Os comportamentos sem compromisso com a sociedade, tão comum de ser observado atualmente, poderão gerar sensações prazerosas durante algum tempo, poderão, até mesmo, se prolongar por um período maior, mas, fatalmente, um dia as conseqüências se farão notar.

Contudo, a existência do sentido moral inerente ao ser pode ser verificada analisando a própria sociedade. Mesmo aquelas que estão corrompidas, deturpadas e sem escrúpulos, sempre haverá aqueles que não se deixam contaminar e tentam suplantar a situação, buscando atingir condições melhores, tanto para si mesmos quanto para os outros.

Um outro exemplo assaz interessante foi apresentado pela mídia. Um traficante, responsável por vários assassinatos, foi morto em um confronto de facções rivais. Sete dias após sua morte, por ordem de seus comparsas, as lojas em redor da comunidade que vivia se mantiveram fechadas porque era o dia da Missa de Sétimo Dia em intenção daquele que falecera. Esta é uma demonstração clara de que, por pior que seja o comportamento de uma pessoa perante a sociedade, ela apresentará, quando menos se espera, comportamentos de ordem moral, pois é inerente ao ser.

Existem inúmeros casos em que pessoas, após cometerem atos inescrupulosos, se arrependem.

Analisemos a nossa própria vida. Quantas vezes não fomos o protagonista de uma ação infeliz, impensada, e que depois experimentamos um sentimento de culpa? Diante disso, seria uma incoerência acreditar que o senso moral e que a consciência como sensor de alerta, seriam privilégios, ou desvantagem, dependendo do ponto de vista, de algumas pessoas apenas, enquanto que outras seriam, delas desprovida.

O discernimento é inerente ao ser humano, pois está, estritamente, relacionado com a inteligência e o raciocínio.

Assim, considerando que espíritos existem e que se encontram em evolução, conclui-se, diante do que ainda ocorre neste planeta, que ainda serão necessárias muitas reencarnações para atingirmos um nível de convivência mais humana e salutar.

Quando se desconsideram os prepostos, que seriam aqueles que não crêem na existência de espíritos e que consideram que a consciência não passa de fenômenos físico-químicos no cérebro, conclui-se que a espécie humana ainda sofrerá muita transformação e, quando atingir o

estado de convivência pacífica, certamente, a humanidade estará com o senso moral muito mais desenvolvido.

Estas pessoas, que seriam os habitantes da Terra no futuro, analisando a história da humanidade, provavelmente considerarão os hábitos do dias atuais como sendo bárbaros, assim como consideramos os povos de outrora. A barbárie é um conceito que está relacionado com a diferença moral existente entre aquele que julga e o que é julgado.

Contudo, nenhuma transformação ocorre por acaso, deve-se trabalhar pela “metamorfose” da espécie, a mutação que gerará seres mais humanos que o homem atual.

No primeiro caso, quando se acredita na reencarnação, deve-se trabalhar por esta “metamorfose” porque seremos nós mesmos que estaremos aqui no futuro. No segundo caso, quando se crê que a consciência é decorrente de um processo físico-químico, também é importante contribuir para a transformação, pois serão os nossos descendentes que estarão por aqui neste mesmo futuro.

Considerando o que foi exposto, e também como consta no O Livro dos Espíritos, pode-se afirmar que todos conhecem o que é denominado de “leis de Deus” e, considerando ainda que estas leis estão impressas na consciência, como também consta no livro em questão, as ações que não estejam de acordo com este código acarretarão, forçosamente, desarmonias.

Como todo sistema tende a contrabalançar as instabilidades geradas no seu interior, procurando sempre situações de estabilidade, o ser que se encontra em estado de desarmonia irá buscar, inconscientemente, um estado de equilíbrio, mais harmonioso. Porém, o processo, muitas vezes, poderá ser doloroso e dependerá do quanto se afastou das “leis de Deus”.

Muitas das dificuldades encontradas na atualidade é decorrente da condição do globo. Quando olhamos ao redor, é difícil de compreender o que acontece. O mundo parece estar em um estado caótico do qual não se consegue vislumbrar uma solução, o egoísmo impera, levando muitos a cometerem atos inconfessáveis. Apesar deste quadro desolador, na concepção da Doutrina Espírita, nas várias respostas dadas pelos espíritos responsáveis pela codificação, esta situação em que nos encontramos já era esperada. Isto está demonstrado na seguinte questão:

Bastante grande é a perversidade do homem. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele, em vez de avançar, caminha aos recuos?

“Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai, dia a dia, reprimindo os abusos. Faz-se mister que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”¹

Imaginemos uma pessoa travando o seguinte diálogo consigo mesma:

“Hoje o dia foi terrível, acordei tarde para ir trabalhar, não tive tempo nem de ler o jornal. Mas também, na situação atual, não faz a menor diferença ler ou não o jornal, a gente já sabe tudo que vai encontrar, não é mesmo? As notícias são sempre as mesmas: corrupção, assaltos, crimes, e toda sorte de coisas. Eu acho que este mundo não tem mais solução, está tudo de cabeça para baixo.

“Antigamente era muito melhor, não tinha essas coisas não... Imagina só como seria viver na época de Jesus. Ah! Que maravilha, conhecer o mestre, ouvir os ensinamentos do Evangelho diretamente de Jesus. Pode imaginar? Bem, é claro que nem tudo era perfeito, não é? É verdade que naquela época os cristãos eram entregues vivos aos leões para serem devorados sob os aplausos da multidão, outras barbaridades também eram cometidas mas... Será que eu, em uma encarnação passada, vivi naquela época e vibrei com esse tipo de espetáculo? Será que ajudei na crucificação de Jesus? É melhor não pensar nisso...

“Também, a gente não precisa ir tão longe assim, não é? Digamos... a Idade Média... Ah! Aquilo sim é que era tempo bom, aqueles castelos..., muitos campos verdes..., Pode imaginar? É claro que nem tudo era perfeito, não é? É bem verdade que aquela era a época da inquisição, as pessoas eram condenadas à fogueira sob alegação de serem bruxas ou bruxos, bastava alguém acusar. Me disseram que naquela época jogavam as mulheres que eram consideradas bruxas em um lago, caso ela se salvasse estava provado que se tratava de uma bruxa e era queimada viva; caso ela morresse era a prova de que não era bruxa e obtinha o perdão. Eram eventos que as pessoas assistiam maravilhadas. Será que eu, em uma encarnação passada, vivi naquela época e vibrei com esse tipo de espetáculo? Será que ajudei a queimar as pessoas? É melhor não pensar nisso...

“Também, a gente não precisa ir tão longe assim, não é? Digamos... o tempo de Kardec... Ah! Aquilo sim é que era tempo bom! Que maravilha, conhecer o mestre lionês, ouvir esses assuntos tratados n’O Livro dos Espíritos diretamente ditas por Kardec. Pode imaginar? É claro que nem tudo era perfeito, não é? Na França daquele tempo reinava Napoleão III e todos viviam sob forte censura, era até necessário pedir permissão à polícia para se reunirem. Várias descobertas científicas foram distorcidas para acomodar os ensinamentos da Igreja. Mas, falemos

¹ Kardec, A., O Livro dos Espíritos, questão 784.

de Brasil, era outra coisa, tinha a escravidão, é bem verdade. Será que eu, em uma encarnação passada, vivi naquela época e atuei como espião, denunciando as pessoas, ou então possuía escravos? Será que ajudei a prender ou exterminar pessoas? É melhor não pensar nisso...

“Bem... podemos voltar ao início do século... tinha a Primeira Guerra Mundial... um pouco mais tarde... tinha a Segunda Guerra Mundial. Está bem, vamos falar somente de alguns anos atrás, é bem verdade que havia o regime militar, com suas censuras e perseguições.

“Talvez seja melhor eu me contentar com o que tenho hoje mesmo.”

Analisando o passado, pode-se até considerar que certas coisas continuem ocorrendo, mas, o que é muito importante, estes atos já não são mais aceitos pela opinião pública, nem, tampouco, aqueles que os praticam conseguem permanecer na obscuridade. Seus atos são expostos e se vêem às voltas com a vergonha e a humilhação. Certos cargos que eram considerados como acima da lei já não mais o são. É possível assistir a juízes, políticos e até mesmo um presidente tendo seus crimes expostos ao público e destituídos de seus postos.

Ontem a população não sabia ao certo o que acontecia nos bastidores de um país, era proibida de expressar livremente as diferentes opiniões sob pena de sofrer retaliações. Hoje a liberdade de opinião e do discurso propicia meios de evoluir, seja disseminando atos escusos praticados contra a humanidade ou dando um fim a impunidade.

Infelizmente, este processo pelo qual o planeta está passando é inevitável, é um momento em que temos de conviver com um livre arbítrio mais amplo, pois não estamos tão tolhidos pelas leis humanas, que não temos alguém a nos vigiar a cada esquina ou a cada recinto, mas ainda não sabemos como conviver com esta liberdade e, por este motivo, fazemos o seu mau uso. É um doloroso processo de aprendizado.

A evolução do espírito pode ser comparada com o desenvolvimento do ser humano.

Na condição de recém nascido, a criança se encontra completamente dependente, mas a medida que cresce, ela já será capaz de agir sobre o meio ao seu redor sem, contudo, poder assumir a responsabilidade pelos seus atos, ela está em fase de experimentação e aprendizado básico.

Com o passar do tempo, seu campo de atuação aumenta sem, contudo, abandonar a fase de experimentação e aprendizado, mas conforme esta criança cresce, gradativamente passará a assumir a responsabilidade pelos seus atos até que, na fase adulta, será o único a responder pelas suas atitudes, sofrendo todas as conseqüências que gerar, mas, mesmo nesta fase, ainda permanecerá o processo de aprendizado através do exercício de suas faculdades, que não deixa de ser uma experimentação, segundo processo semelhante ao da infância, apenas o objeto de interesse é que se altera.

Tal qual como ocorre com as crianças, onde existirá uma maior probabilidade de se tornarem adultos saudáveis tanto física quanto mentalmente, tendo por responsáveis pessoas sadias mentalmente, sem viciações perniciosas, capazes de as direcionar corretamente no caminho do bem, enquanto que o oposto também poderá ocorrer quando se encontrar em condições antagônicas, o mesmo poderá ocorrer com o homem adulto, pois suas atitudes estarão de acordo com as doutrinas que professam e que os guiam.

Texto elaborado por Claudio C. Conti.